

# Da proto à semioimagem; da semio à tecnoimagem

Adenil Alfeu Domingos

En este momento, en el lugar preciso en que usted se encuentra, hay una casa que lleva su nombre. Usted es su único propietario pero hace mucho tiempo que há perdido las llaves. Por eso permanece fuera y no conoce más que la fachada. No vive en ella. Esa casa, albergue de sus recuerdos más olvidados, más rechazados, es su cuerpo

*Thérèse Bertherat*

**A**inda sabemos muito pouco sobre o processo de comunicação humana. Mesmo porque, só agora, estamos começando a nos perceber dentro desse processo, como um corpo mediador que converte o sensível em sentido, e não diante do mesmo. Aconteceu que, para analisar o mundo, o homem da ciência deslocou-se da integração cósmica que desfrutava com a natureza, para defrontar-se com ela, o que lhe permitiu interpretá-la e conhecê-la. Aliás, esse processo analítico acontece sempre que o homem entra em estado de tensão para leitura de seu mundo e se coloca diante de perceptos,

(Santaella, 1998: 86-87), ou seja, diante de qualquer fenômeno sensorial que lhe impele uma corporeidade, forçando-o a interpretá-lo. Esses perceptos são base de nossas imagens sensoriais apreendidas pelo nosso cérebro e das quais nos servimos para produzir nossa comunicação.

Nossas imagens mentais são produtos da interação homem/universo, não de modo especular, mas como representação de modelos formais. Os impulsos sensoriais vindos desses perceptos são filtrados pelos nossos sentidos, transformando-se em imagens esquemáticas, que nosso corpo como um todo, então, armazena e manipula. A imagem interiorizada a semiótica norte-americana denominou de *percipuum*. Este, por sua vez, pode ser exteriorizado ou não. Quando exteriorizado, de modo ôntico, ele transforma-se em objeto-sígnico, ou discurso, verbal ou não não-verbal. Este passa, então, a integrar o nosso mundo cultural. O signo é uma espécie de excremento humano, nascido no mundo abstrato das idéias, que se concretiza em modelos de percepção, como formas fabricadas, com conceitos e valores que se tornam convencionais, quando aceitos pela comunidade, em qualquer tipo de linguagem. Os signos, por sua vez, foram codificados em sistemas lingüísticos, evitando, assim, o processo de entropia. Desse modo, a semiótica nos fez entender, hoje, que todo objeto é signo, do mesmo modo que todo signo é um objeto.

Nosso corpo, por sua vez, tornou-se uma usina semiótica: uma extensa rede nervosa, acionada pela energia produzida pelo próprio corpo, em contato com o mundo, que capta e processa impressões sensíveis para fazer delas esquemas formais codificados, produzindo mensagens. Como todo esse processo sígnico se dá por imagens sensoriais, sem jamais trabalhar com o ontológico (o ser em si), a semiótica greimasiana tem bases fenomenológicas (o parecer do ser). É preciso acentuar que o homem só possuiu do mundo uma visão fenomenológica, em reduções eidéticas, que, por sua vez, não nega a existência do mundo ôntico, que lhe serve como base dos esquemas de pensamento.

A originalidade dos nossos discursos depende, portanto, do (re)arranjo que cada cérebro produz com os perceptos que coletou. Qualquer sensação produzida em nossa consciência age como uma pedra que, caída na superfície de um pântano, produz círculos concêntricos, indo tanger as mais diferentes imagens experimentadas e arquivadas anteriormente em nosso cérebro, provocando, nesse contato, novas imagens, por vezes inesperadas e estranhas. Este é o caso das imagens artísticas que tentam subverter o estereótipo já firmado pelo “já dito” das linguagens

convencionais. Esse processo só se desenvolve porque o sujeito criador utiliza-se das imagens apreendidas no contato do corpo com o mundo, inclusive os signícos. É assim que nosso cérebro produz novas imagens, (re)elaborando estruturas formais de nível superior, o que entendemos ser a criatividade e estilo.

O homem, em determinado momento de sua história, sentiu necessidade de passar as imagens individuais captadas pelos seus sentidos em signos convencionais. Isso acabou por acrescentar-lhes uma parte social, ou seja, um conceito produzido culturalmente. Desse modo, o processo de criação de signos, ou semiose, aciona uma parte social, mais objetiva e uma subjetiva mais individual. Aquela permite a interação entre sujeitos competentes, lingüisticamente falando; esta faz com que jamais possa existir comunicação com cem por cento de interatividade entre seus usuários, já que a parte subjetiva que essa interação produz é praticamente intransferível. O homem está dotado de uma capacidade de cognição, que tem a forma eidética transcendental como base. Sabendo que a significação é um produto da interpretação relacional da ação dos signos entre si, e que ela só se dá nas diferenças que inferimos dos objetos colocados em relação, a significação se processa, portanto, aquém ou além dos próprios signos. Desse modo, inferimos que todo e qualquer signo é um produto ideológico.

Diante dessas premissas, tentamos processar uma análise do tema ora proposto: “O futuro: continuidade/ruptura”, analisando a produção de imagens pelo cérebro humano, em um estudo diacrônico. Intuíamos que a relação homem/imagens do mundo não se processou da mesma maneira, em diferentes eras da humanidade. Entendemos que, se por um lado, em sua superfície, o fenômeno da percepção de imagens pelo homem tem rupturas diacrônicas, por outro, elas se interpenetram formando uma estrutura profunda desse processo, como um “continuum” linear, embora lamentem os filósofos da linguagem por não poderem chegar a palavra precedente, primeira e única.

Feitas essas considerações, iniciamos nosso estudo tomando como base, a grosso modo, o recorte diacrônico no processo de comunicação humana feita por Mcluhan, (1974: 21-37). Ele a dividiu em três grandes eras: a pré-alfabética ou tribal; a de Gutenberg ou individual e a elétrica ou retribalizada. Essa divisão será considerada por nós apenas em termos de predominância. Entendemos que cada nova era incorpora a anterior e a modifica, não conseguindo libertar-se por completo de suas impregnâncias. Elas corresponderão, grosso modo também, aos três tratamentos diferentes

impostos pelo relacionamento do homem com as imagens e que aqui denominamos de “era da protoimagem, da semioimagem e da tecnoimagem”. Aliás, se para Macluhan “o próprio meio é a mensagem” – princípio decisivo para que o citado pensador demonstrasse que cada novidade nos meios de comunicação tornam-se extensões do homem, modificando e alterando o equilíbrio entre os seus sentidos, criando-lhes um novo ambiente, uma nova forma de pensar, sentir e agir o processo de percepção, cognição e interpretação do mundo - entendemos que a apreensão e produção de imagens pelo homem segue o mesmo itinerário, pois toda comunicação se dá por imagens.

### [A era da protoimagem]

Por certo, em seu estado mais primitivo, grupal e não ainda tribal, ou seja, do homem-animal, com um cérebro ainda em formação, ele não distinguia o mundo em recortes. Seu universo lhe era um contínuo de manchas caóticas. Ele não produzia pensamentos, mas percepções caóticas do mundo, o essencial necessário para sobreviver. Suas representações mentais tinham bases apenas no concreto do seu mundo circundante. Eram visões ainda alógicas. Seu cérebro reproduzia as imagens sensoriais, de modo instintivo, em apreensões quase que apenas subjetivas do mundo.

Essas primeiras imagens, no entanto, seriam espécies de signos individuais, ou seja, não possuíam ainda o princípio da convencionalidade. Eram espécies de espelhamento, como reproduções diretas da natureza, da qual o homem não era senão parte integrante. Não havia ainda o processo de semiose, ou seja, de produção de um signo gerando novo signo-interpretante para cada imagem apreendida nesse contato natural. Mesmo sendo filtradas pelos sentidos e representadas, de modo subjetivo, por seu cérebro, essas imagens não correspondiam ainda ao que hoje entendemos por signos. Estamos diante do homem que produz a imagem como parte de si mesmo. É a era do homem da protoimagem ou do protosigno.

Entendemos mesmo que os processos primitivos orais de uma pré-comunicação do homem-animal seriam averbais, formada por sons ainda não articulados. Isso não significa, porém, que esse homem não “grunhissem” ou coisa parecida, como os outros animais, em uma tentativa de comunicação instintiva e intuitiva. Seu verbal, por certo, seria, no entanto, muito mais um elemento plástico-musical, uma melopéia, como entidade sensória, e não intelectiva. Vivendo afeitos a imagens apenas sig-

nificantes, elas seriam muito mais sensações em que o corpo e o mundo se entrelaçavam, sem distanciamentos nítidos entre ambos e sem a presença de um entendimento racional que as traduzissem em signos simbólicos. Se conseguíssemos retornar a essa era, por certo iríamos reencontrar os sons formadores das palavras da nossa linguagem moderna e veríamos que elas não eram tão arbitrárias e convencionais como se pensa, hoje. Possivelmente, nessa primeira era, a substância fônica da linguagem, que ora conhecemos como codificada em fonemas, por exemplo, fossem mais gritos, onomatopéias, interjeições, provocando nos homens imagens sensórias indefinidas. Essa linguagem deveria ser acompanhada por alguns gestos, também rudimentares, indicando direções e objetos presentes.

Por não conseguirmos mais recuperar esse caminho de volta e reencontrar o nascedouro das palavras que usamos agora - caminho que a arte tenta, de certo modo, refazer - só podemos intuir que houve, nessa era, uma intensa relação entre a imagem sensorial do mundo e a sua reprodução imagética primitiva, de maneira individual e subjetiva. Aos poucos, foi se objetivando esse contato sensório do homem com o mundo e estruturando-se em linguagens codificadas. É, portanto, como elemento integrado ao seu mundo que o homem começa a aprender a recortar o universo, segundo um ponto de vista subjetivo, criando taxionomias onomatopaicas, em que o nominalizado deveria estar presente no ato de comunicação. Aos poucos, esses elementos naturais sonoros viraram signos convencionais e os objetos puderam então ser rememorados, quando distantes, por meio dos seus respectivos nomes. Passamos a ser, então, homens de signos, ou seja, das semioimagens.

Entramos, agora, na era do homem do pensamento do signo pleno. Seu início remonta ao homem do pensamento selvagem, tem seu ponto culminante na era do cientificismo, encontrando-se, hoje, com a era do homem da realidade virtual. Na verdade, esse homem não foi capaz de utilizar toda a sua capacidade mental em um dado momento histórico. Ele usa apenas parte dela, em cada estágio de sua existência, segundo interesses culturais próprios de um instante histórico seu. Para Lévi-Strauss (1979: 31), o pensamento selvagem era totalizador e isso lhes dava um conhecimento espantosamente exato do seu meio e de seus recursos, enquanto o pensamento do homem da ciência avança etapa por etapa, dividindo em partes as dificuldades encontradas para resolvê-las e progredir.

[A era da semioimagem]

Lentamente esses momentos totalizadores e instintivos de comunicação vão gerar signos, como representante de algo. Aliás, por estar em sociedade, o homem vai começar a sair da linguagem das imagens alógicas e individuais para as lógicas e convencionais. Ele pressente a necessidade de criar linguagens codificadas para se comunicar com seus pares, produzindo, assim, os signos convencionais. Estes são capazes de serem usados sem a presença de um objeto exterior representado, demonstrando deiticamente o que nomeiam.

Ao tomar consciência do mundo, o homem descobre que podia, ao vê-lo, também lê-lo. Essa atividade tornou-se fundamental para sua própria consciência de si e do mundo, pois, com o desenvolvimento cerebral, provavelmente ele tenha sentido a necessidade e desejo de compreender o mundo que o envolvia. Com esse defrontar-se com o mundo, a estrutura profunda da apreensão por imagens do cérebro humano estava definitivamente sendo modificada. O mundo, ao ser percebido e analisado, passa a tornar-se um Outro diante do homem e transforma-se em distância irremediável. Para entendê-lo melhor o homem precisou organizá-lo em linguagens, pois é “impossível conceber o significado sem a ordem”, assegura-nos Lévi-Strauss (idem, 24). Para ele, o homem “natural” pensa, enquanto sua percepção penetra nas coisas; o homem da ciência, por sua vez, prolonga a atitude de uma ontologia objetivista que se mina a si própria e se desmorona na análise. Afirma ainda que o mundo sensível é “mais antigo” que o universo do pensamento, porque aquele é visível e relativamente contínuo; este, invisível e lacunar.

É preciso observar também que, no início dessa fase, ainda aprendendo a tomar consciência plena de si, o homem concebe o Uno criador, algo do qual, de modo algum, ele fazia parte, sentindo-se apenas um ser semelhante a ele. Começa seu cérebro, desse modo, a imaginar, produzindo um novo tipo de imagem, agora relacional, por contigüidade e similitude, bases da metonímia e da metáfora. Aos poucos, ele vai deixando de apresentar o mundo de modo indicial e icônico para firmar a dimensão simbólica. O símbolo torna-se, assim, representante indireto do mundo observado. As imagens, agora, não são geradas no simples relacionamento do homem com a natureza, mas nos conceitos produzidos culturalmente, sem deixar de ter, no entanto, o mundo fenomênico como base. Paradoxalmente, desse modo ele começa a descoberta de si mesmo, pois, além de começar a sentir a necessidade de transcender a matéria física, buscando elos entre a fugacidade aparente da vida e a eternidade, ele descobre que pode “reinar”

sobre essa matéria, já que entendeu possuir um cérebro privilegiado, espécie de uma parte do Uno criador do universo, que os demais existentes não possuíam e que lhe dava, também, a oportunidade manipular e criar sobre o mundo existente. Extingue-se, gradualmente, a sacralização da natureza. O logos substitui o mythos, que se restaurará em novos mythos, da era moderna. Isso garante a existência mítica e mística das crenças e religiões, tão bem salvaguardadas nas manipulações ideológicas atuais.

Foi dessa necessidade de exteriorizar ao Outro a imagem interior e individual percebida que o homem da semioimagem começou a criar um novo objeto que a representasse: a imagem sígnica. Apareceram, assim, os verdadeiros signos, produzidos ideologicamente, sob o ponto de vista de um sujeito mais coletivo, dentro de uma cultura e de uma determinada práxis relacional de uma comunidade com seu universo. Assim, também, outras linguagens nascem para, gradativamente, ganharem as formas que hoje conhecemos. Na linguagem verbal, por exemplo, pinçados no amorfo das substâncias sonoras primitivas, ao serem colocadas em formas abstratas, aparecem os fonemas, como significantes portadores de significados amalgamados. Os significados foram pinçados no amorfo das idéias primitivas e, segundo critérios de similaridades e diferenças observados nos objetos existentes ou ideologicamente produzidos, são eles também enformando em conceitos abstratos, capazes de recortar o mundo natural, sob a óptica de uma cultura, dentro de uma práxis coletiva.

Os signos, assim, fabricam uma nova realidade sobre a qual o homem impõe valores socioculturais, abstratos, ideológicos e classificadores dos fenômenos naturais. É o momento das linguagens codificadas. Elas atingiram seu auge na era do cientificismo Iluminista, pós-Gutenberg, em que o homem passa a interpretar a natureza de modo laboratorial, recortando-a e classificando-a analiticamente, quase que exclusivamente por meio de signos convencionais. Notando que a Natureza apenas dispõe de um número limitado de procedimentos que são suscetíveis de aparecer a outros níveis, como os culturais, Lévi-Strauss (idem, p. 18), afirmava em suas conferências que, com o advento da era cientificista, séculos XVII a XVIII, passamos a considerar o real como um mundo de propriedades matemáticas e perdemos, assim, o contato com mundo sensorial, considerado por nós como o mundo das ilusões. Conclui ele que, se de um lado esse cisma foi necessário, pois deu condições ao pensamento científico de se autoconstituir, por outro, a própria ciência moderna está a caminho de superar esse fosso, reintegrando os dados dos sentidos na explicação

científica. Esse novo modo de contatar com o mundo, porém, não alterou o primitivo modo de criar imagens do ser humano. Só que, agora, elas são culturais criadas pelo próprio homem, para fazerem uma intermediação entre ele e o mundo. O que ele privilegiou foi o contato sensório direto com a natureza, substituída pela intermediação *signica*.

Sabemos hoje, como nos mostram os semioticistas Greimas e Courtés (1989), que o homem moderno, ao nascer, é inserido dentro de duas macrossemióticas: a dos mundos naturais e a das línguas naturais. Isso prova que ele quase não consegue mais experimentar o mundo natural como o homem da era anterior, senão por curtos instantes. Aliás, esse uso do plural (mundos e línguas naturais) é justificado pela pluralidade de culturas que recortam o mundo de modo fenomenológico segundo suas práxis, produzindo assim línguas diferentes, como o português, o inglês, o tupi, etc. Essas línguas se tornam sistemas de modo de perceber e apreender o mundo, impostos ao homem como *óculos* culturais. Aliás, sabemos que aprender uma nova língua é aprender um novo modo de ver o mundo e não rotular de modo diferente seus objetos.

Sabemos, também que, apoderando-se dos signos, o homem construiu sobre eles estruturas ideológicas paradigmáticas abstratas, como as axiológicas, descrevendo sistemas de valores virtuais morais, lógicos, estéticos. Sobre essas estruturas, ainda, erigiu combinatórias sintagmáticas de ideologias que atualizaram e realizaram essas virtualidades. Desse modo, todos os objetos tocados por uma mente humana deixaram de ser existentes numéricos para se transformarem em fenômenos, ou seja, em um parecer de um algo, em uma realidade fabricada por signos, sobrecarregados de valores culturais. Como efeito de sentido e de real, os signos, representantes dos objetos, procuram provocar em nós a ilusão de que substituem o mundo. Como nas linguagens o parecer passa a ocultar o ser, tudo em comunicação é imperfeito e cheio de desvios.

Verificamos assim que um conceito, quanto mais científico for, mais distante coloca o homem da plasticidade da natureza. O homem semiótico vive dentro de representações, quase que com exclusividade. Se o signo tornou-se produto de uso de uma determinada sociedade é sinal que ele tornou-se convencional e necessita, para ser compreendido, de ser explicitado por outros signos. Aliás, a seqüência lógica da apreensão do mundo, segundo a teoria semiótica de Peirce, é que o signo é um primeiro em relação ao objeto, que seria um segundo, tendo o interpretante como um terceiro, ou seja, um novo signo. A semiótica não contesta, assim, a

existência ôntica dos objetos, anterior a sua representação, mas entende que o homem sîgnico vive no parecer do ser e não no ser em si, como já havíamos visto antes.

O homem da ciência, portanto, ao construir um mundo de linguagens simbólicas ali se encastelou. Essas linguagens passaram a trabalhar de modo que um signo, ao ser interpretado, gerasse um novo signo interpretante, que, por sua vez, poderia ser interpretado, gerando novo interpretante, de modo quase infinito. Esse é o processo de semiose de Peirce, que confirma que esse processo de raciocínio arrastou o homem da ciência para longe de sua naturalidade. O processo progressivo de conceituar e a necessidade de explicar o conceito foram produzindo um vácuo entre o objeto interpretado e o homem interpretante. Esse homem emaranhou-se em uma rede de signos que se arvoraram da ilusão de “substituir” o mais diretamente possível o substituído, já que o produto do ato de interpretação seria mais poderoso que a sua própria experiência, pois os signos são simulacros idealizados das coisas que representam.

A necessidade de armazenar informações, de modo mais organizado, para poder comunicá-las a seus pares, vai, portanto, multiplicar a produção sîgnica. O homem sente que a linguagem reconstrói o mundo caótico que o cerca e isso lhe dá uma sensação de equilíbrio interior jamais experimentado antes. É que o mundo fabricado e interiorizado lhe parece ser muito mais organizado que o mundo que lhe é exterior. Desse modo, o enquadramento e o recorte que cada cultura fez na natureza para poder codificá-la em uma linguagem de modo mais sistemático já foi suficiente para criar estereótipos e castrar a existência da lógica sensorial pura. Os signos convencionais e arbitrários passaram a dominar quase que por completo o imaginário humano.

Os signos da linguagem, ao serem codificados, produziram regras e normas de uso, também convencionais, que se impuseram em toda comunidade lingüística. A evolução social e a estratificação de poder econômico passaram a influenciar essas regras e o uso das linguagens passou a ganhar contornos políticos. Foi assim que a norma culta de uso da linguagem passou a preconizar ideologicamente um modo de falar superior, seguindo regras ditadas pela classe dominante. Aliás, essas regras não acontecem apenas com a língua verbal, mas também com a não-verbal. Por exemplo, a pintura possui regras de produção diferentes em diferentes eras. Entendemos que o próprio ícone e o índice são produtos sîgnicos convencionais e arbitrários, já que, em diferentes épocas e em diferentes

culturas, também possuem traços de diferenciação, que se modificam e evoluem, semelhantes aos signos verbais.

Na era da semioimagem, portanto, homem e mundo não estão mais fundidos um no outro, mas sim, em afrontamento, intermediados pelos signos. Dificilmente saberemos como foram criadas as linguagens. Hoje, porém, temos certeza que o homem desprende-se da naturalidade absoluta ao se tornar produtor e usuário de signos representativos. No entanto, sua memória é capaz de guardar resquícios das experiências sensoriais anteriores. Estas afloram a cada novo instante de percepção, em processos sinestésicos de pensamento, quando manipula os signos que representam o mundo em que vive.

No entanto, as imagens sensoriais do homem da semioimagem não são individualizadas como as do homem da protoimagem, pois elas acabam passando por uma codificação sociocultural antes de serem apreendidas e percebidas. Elas tornam-se efeitos de real e podem ser impostas ideologicamente. Agora, o homem encontra, no mundo existente, quase que apenas a matéria prima para servir-lhe de produto de comunicação. Seu corpo transa quase que com exclusividade com os signos que ele produziu a partir dessa matéria prima. Por isso, tendo como base as recentes pesquisas das ciências da cognição e da semiótica, entendemos como Merleau-Ponty (1971:129), que nossos olhos continuam a apalpar o mundo em um processo quiasmático onde tudo vira carne. Não como matéria, mas como enovelamento do visível sobre o corpo vidente, do tangível sobre o corpo tangente, um no outro como o avesso está para o direito. Assim, nosso corpo não é nem idéia, nem coisa, mas mensurador de tudo, pois é o produtor dos próprios signos que usa para se comunicar.

### [A era da tecnoimagem]

A Revista *IstoÉ* de 12/07/2000, pág. 84, publica uma reportagem sobre Ananova, a primeira apresentadora de notícias 100% digital da Internet e que teve seu passe vendido por 144 milhões de dólares, a uma Cia. de telefonia celular inglesa. Tem ela voz doce e sensual, lábios carnudos, cabelos curtos tingidos de verde-azulado, para combinar com os olhos e a blusa. Não dorme, não come e não reclama salários. Suas primeiras palavras na Internet foram escolhidas depois de exaustiva seleção. Estamos já em plena era da tecnoimagem. Uma nova interação entre os sentidos e a inteligência abstrata está sendo construída, afirmam os comunicólogos, hoje.

Nasce um novo modo do homem ver o mundo, em imagens como representações das representações. A imagem virtual torna-se, de repente, mais eficaz para o homem do que a própria realidade natural. Manipuladas segundo diferentes intencionalidades, principalmente persuasivas e voltadas ao consumismo econômico, as imagens virtuais são estilizadas. Tornaram-se elas simulacros mais que perfeitos que a própria realidade que representam, uma espécie de hiper-realidades do universo, de modo metassensorial, metaconcreto, metassinestésica e metainstintivo, visível em todas as escalas, e em todos os modos de representações possíveis. São elas, na verdade, parassignos, já que induzem o homem a relacionar-se, não propriamente com o mundo natural, nem com os símbolos criados para representar essa natureza de modo icônico, indicial e simbólico, mas sim, com um mundo fabricado em imagens tecnologicamente trabalhadas. Estas buscam não mais reproduzir e representar, mas produzir arquitetonicamente um outro mundo capaz de existir como concorrente ao natural, ou seja, um metamundo mais eficiente e perfeito que o natural. São imagens resultantes de escolhas que procuram evidenciar imagens idealizadas, dando ao objeto, meticulosamente estudado e produzido, uma perfeição de construção, objetivando um uso também perfeito, que acaba por acrescentar que devemos suspeitar da falsa mediação da imagem.

Por certo, a era da técnicoimagem está modificando a visibilidade humana. Nascida com a fotografia e culminando hoje com o advento da informática e das novas possibilidades de comunicação, a imagem não-verbal tecnologicizada, aos poucos, vai rivalizando-se com o verbalismo e tomando os seus espaços. Os manuais de jornalismo passaram a assegurar, por exemplo, que o que se pode dizer com imagens não deve ser dito com palavras. Assim, o homem do nosso século, bem como as novas gerações, não terão mais a mesma visão de mundo dos homens da escritura e do verbalismo. No ocidente, por exemplo, a visualidade de mundo imposta pela leitura discursiva do signo verbal, linear e articulada, da direita para a esquerda e de cima para baixo, começa a ser substituída por uma leitura holística das imagens. Agora, o olhar escolhe, ao adentrar um determinado texto imagético cristalizado por um clique, um ponto de tensão, passando a varrê-la na leitura, direcionado pelas linhas de força que a imagem, praticamente, lhe impõe.

O homem de senso comum vai praticamente sentir o que a imagem virtual lhe impuser. Esta, por sua vez, já não estará envolta em nenhum imaginário de um ser enunciador, sendo apenas uma síntese, irradiando

modelos combinatórios em um hiperespaço sem atmosfera, numa alucinante busca de superar a semelhança do real consigo próprio. O homem da hiperimagem, ao considerar a imagem virtual como uma realidade mais contundente do que a própria realidade, descobre que no processo de semiose, o retorno nunca será um reencontro com uma verdade ôntica, mas virtual.

Pela tecnoimagem podemos impor pela visualidade processos sinestésicos na relação homem e mundo, de modo físico. A publicidade, cujos produtos enunciados são mais perfeitos do que os encontrados nas prateleiras das lojas, já descobriu que pode usar de modo subliminar a hiperimagem. Ela emite sensações de fome, de sede, de peso, térmicas, de odor, etc., por meio de imagens. Só a consciência dessa “farsa” poderá fazer o homem repensar seu processo de comunicação e recuperar, embora em outros moldes, a sinestesia primitiva perdida, que era produzida entre ele e o seu universo natural. Assim, a estrutura profunda do processo imagético humano continua fazendo a inter-relação sinestésica, homem e mundo, enquanto, em sua superfície alterou-se o modo de relacionamento desse homem com o universo. É que as lembranças das experiências passadas afloram, hoje, no homem por meio dos signos imagéticos e virtuais. Ele passou a sentir o mundo por meio das tecnoimagens representativas que ele mesmo criou.

A era do hiperimagem, em nosso século, não corresponde à tentativa de retorno à linguagem lógico-concreta do homem do pensamento selvagem. Essa é uma hipótese improvável. O homem da era do verbalismo, principalmente o ocidental, tem seu mundo interior cicatrizado pela simbologia, que substituiu quase que por completo a linguagem não-verbal e um retorno puro e simples ao estágio anterior é utopia. O certo é que nosso corpo hoje interage com hiperimagens que substituíram a realidade como sendo mais contundentes que a própria realidade, já que elas vêm impregnadas da ideologia do perfeccionismo. Ao homem moderno sobra a necessidade de aprender a ler essa ideologia implícita nesses discursos, para poder avaliar melhor, as mensagens veiculadas por ela e não se deixar envolver facilmente por suas armadilhas. Assim, não devemos ignorar as imagens fabricadas virtualmente. Devemos, sim, conhecer o seu processo de produção para desvendarmos a intenção persuasiva que elas veiculam.

## Referências

- SANTAELLA, Lúcia e Winfried Nöth. *Imagem, cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- MCLUAHN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- LÉVY, Pierre. *A máquina Universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- MERLEAU-PONTY. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- GREIMAS, A . J. / J. Courtés. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1978.